

iNiMiGA DO REI

TIPOGRAFIA PARA TEXTOS
CONTRÁRIOS A OPRESSÕES

Eduardo Cazon



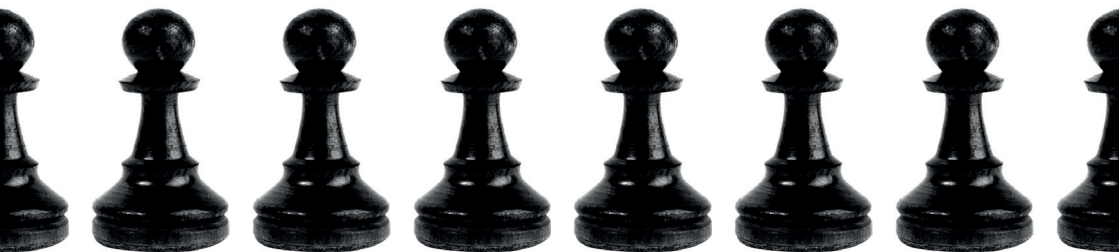
A fonte Inimiga do Rei é o meu projeto de conclusão de curso. Ela foi criada para ser utilizada em livros que falam contra às opressões como machismo, racismo, homofobia e opressão de classe.

Seu processo de criação começou com uma pesquisa sobre o que é dominação, como ela acontece, quais as suas consequências e como aplicar uma crítica no projeto tipográfico.

Após determinar a crítica à dominação e a defesa da autogestão como valores do projeto, realizei uma análise dos principais estilos tipográficos observando seus aspectos objetivos, subjetivos, contexto de produção e características morfológicas. Também realizei uma análise de fontes contemporâneas feitas para causas sociais e assim pude identificar característica condizentes com a postura libertária.

O projeto da fonte foi realizado no programa software livre FontForge e a fonte também é um software livre. Todo o processo está registrado no relatório disponível para leitura no repositório da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, bem como no GitHub, onde é possível baixar gratuitamente os arquivos relacionados ao projeto.

github.com/Eduardo-Cazon/Inimiga-do-rei



Pesquisa sobre dominação

Dois princípios da cultura libertária, propostos por Felipe Correa no livro *Bandeira Negra* (2015), foram adaptados e serviram de base para o projeto.

Crítica da dominação

Dominação é uma forma autoritária de relação entre sujeitos de uma sociedade onde alguns determinam aquilo que diz respeito a outros. Ela acontece na relação de mando-obediência e na alienação do sujeito, produzindo expropriação para quem é dominado.

Defesa da autogestão

A autogestão é uma forma de poder que evita a tirania de alguns sobre o coletivo, onde o poder de decisão está diretamente ligado às pessoas que serão afetadas. Desse modo podemos substituir um sistema de dominação, por um sistema autogestionário, tendo assim uma sociedade justa, igualitária e livre.

Análise histórica

Para enxergar a inserção da tipografia no universo social, realizei uma análise observando aspectos funcionais-objetivos, funcionas-subjetivos, morfológicos e o contexto de produção dos principais estilos tipográficos.

Analizando essas fontes concluí que o estilo humanista sem serifa é o mais adequado por romper com a áurea de tradição e conservadorismo das serifas, sendo facilmente identificadas como “novo”. Ela também transmite maior sensação de movimento e presença da mão humana.

Análise de tipografias políticas

As fontes encontradas passam por vários estilos, desde tipografias com serifa slab à dingbats, mas todas elas compartilham valores da cultura autogestionária.

Quase a totalidade delas são fontes display, para cartazes, faixas de protestos e remetem à mão humana. A maior parte das fontes foram produzidas por mulheres, pessoas negras e LGBTQ+, sendo alguns projetos realizados no sul global e distribuídas gratuitamente.

Inimiga do rei

O nome Inimiga do rei conectada a história da tipografia com a história das lutas sociais no Brasil.

Romana do Rei

O rei Luís XIV, da França, encomendou em 1692 uma tipografia para ser utilizada exclusivamente pela imprensa real. A fonte foi feita usando grid, retas e curvas geométricas, resultando em uma construção racional e com contrastes elevados. Como afirma Robert Bringhurst, em Elementos do estilo tipográfico:

Elas são produto da era racionalista: formas frequentemente belas e calmas mas indiferentes à beleza mais complexa do fato orgânico.

A fonte Inimiga do rei é o oposto da Romana do rei, possuindo construção caligráfica, contraste moderado, terminais agudos e livre para qualquer pessoa usar, estudar, modificar e redistribuir cópias exatas ou alteradas.¹

Inimigo do Rei

O jornal não era dedicado apenas ao anarcossindicalismo. Era também o porta-voz de vários movimentos sociais que não encontravam espaço na grande imprensa e nem mesmo na imprensa alternativa, como os usuários de drogas, os homossexuais, os movimentos negros e feministas mais radicais, os ateus militantes, os ativistas da luta antimanicomial, ambientalistas e tantos outros que tiveram seus temas abordados no jornal, o que lhe deu repercussão não só no Brasil como nos EUA, Portugal, Espanha, Suíça, Suécia, Itália, Áustria, Alemanha, Argentina, entre outros países com os quais os editores acabaram mantendo contato.²

1. Como todo software livre.

2. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Inimigo_do_Rei. Acesso em: 10 de abril de 2021.

liberdade

músico fuzilado com 80 tiros

UNIVERSIDADE PÚBLICA

desigualdade social

DJ Rennan da Penha

Terrorismo de Estado e necropolítica

AUTONOMIA

povos da floresta

381.000 mortes até 22/4/2021

David Graeber

Chimamanda Ngozi Adichie,
Buenaventura Durruti, Lélia
Gonzalez, Sueli Carneiro, Paul
B. Preciado, Michel Foucault,
Gilles Deleuze, Silvio Almeida,
Achille Mbembe, Mikhail
Bakunin, Judith Butler, Frantz
Fanon, Karl Marx, Noam
Chomsky, Angela Davis, Peter
Pál Pelbart, Djamila Ribeiro,
Sidarta Ribeiro, Marielle
Franco, Sônia Guajajara,
Raoni Metuktire, Emiliano
Zapata, Byung-Chul Han

NEM PRETO, NEM BICHA: MACONHEIRO

Ainda se pode ler nos jornais da grande imprensa (principalmente) com uma pequena baixa de frequência, manchetes do tipo: "ASSASSINO É PRESO PORTANDO MACONHA"; "DROGADO ESTUPRA GAROTA DE 13 ANOS" ou coisa que o valha. Ficando bem claro que maconheiro é sinônimo de ladrão, assassino, enfim, MARGINAL mesmo! Logo, tem de ser combatido policialmente e discriminado socialmente. Incluindo-se, neste último caso, as minorias reprimidas existentes. Muito se tem dito, diagnosticado e até mesmo psicanalisado do indivíduo que toma droga (aqui, no caso, referindo-se exclusivamente ao maconheiro). Para aquelas pessoas que corriqueiramente só lêem os jornais diários, sem base nem conhecimentos a respeito da droga, costumam conceituar o indivíduo que a usa da mesma forma antes mencionada, ou seja, MARGINAL mesmo! E quem assim não os enquadra? Até eu! Já para aquelas pessoas que são dotadas de maiores conhecimentos, conhecimentos estes que, via de regra, são puramente médico-científicos, costumam diagnosticar o maconheiro da mesma forma que diagnosticaria um diabético ou um cardíaco, sem levar em conta fatores outros do tipo psíquico-sócio-cultural ou em muitos casos relegando-os ao segundo plano, pois estão preocupados (em sua maioria) exclusivamente com o quadro clínico do paciente. E, por último, os psicólogos, psiquiatras e todos os "PSIS" existentes, que vêm no drogado (maconheiro) uma maneira irreal de solucionar problemas ou ter para si um mundo modelado de acordo

com seus ideais, isto é, alienação, incapacidade de atuar dentro da realidade. Isso sem querer mencionar aqui a visão freudiana de frustrações (por exemplo) que estão instaladas na infância e teriam como causa a procura de uma maneira menos dura para enfrentar o presente, na qual baseiam-se muitos psicólogos para a explicação da droga, principalmente por parte do adolescente.

Em síntese, tem-se o drogado como um indivíduo que, desviando-se dos padrões de moral, conduta, normalidade etc. da sociedade, não é ou não está apto para exercer qualquer atividade com a mesma potencialidade e direito que um outro indivíduo "normal" (o famoso CARETA).

Pergunto eu, a esses entendidos (o termo aqui está sendo empregado como sinônimo de conhecedor em determinado assunto e não como costuma ser usado pela outra minoria – os homossexuais), onde enquadrar aqueles maconheiros que possuem uma atividade político-sócio-cultural normal, ou seja, enfrentam filas de ônibus, engarrafamentos, crises econômicas e políticas, enfim, estudam, trabalham, trepam etc., como um "careta" qualquer? Serão estas pessoas marginais, doentes ou alienadas? Se realmente o são, então toda sociedade também o é.

Káthia Regina Borges,
publicado em 1979 no jornal O Inimigo
do Rei

Crime, crime,
dizem que cometemos crime.

CRIME, CRIME,
falar a verdade virou crime.

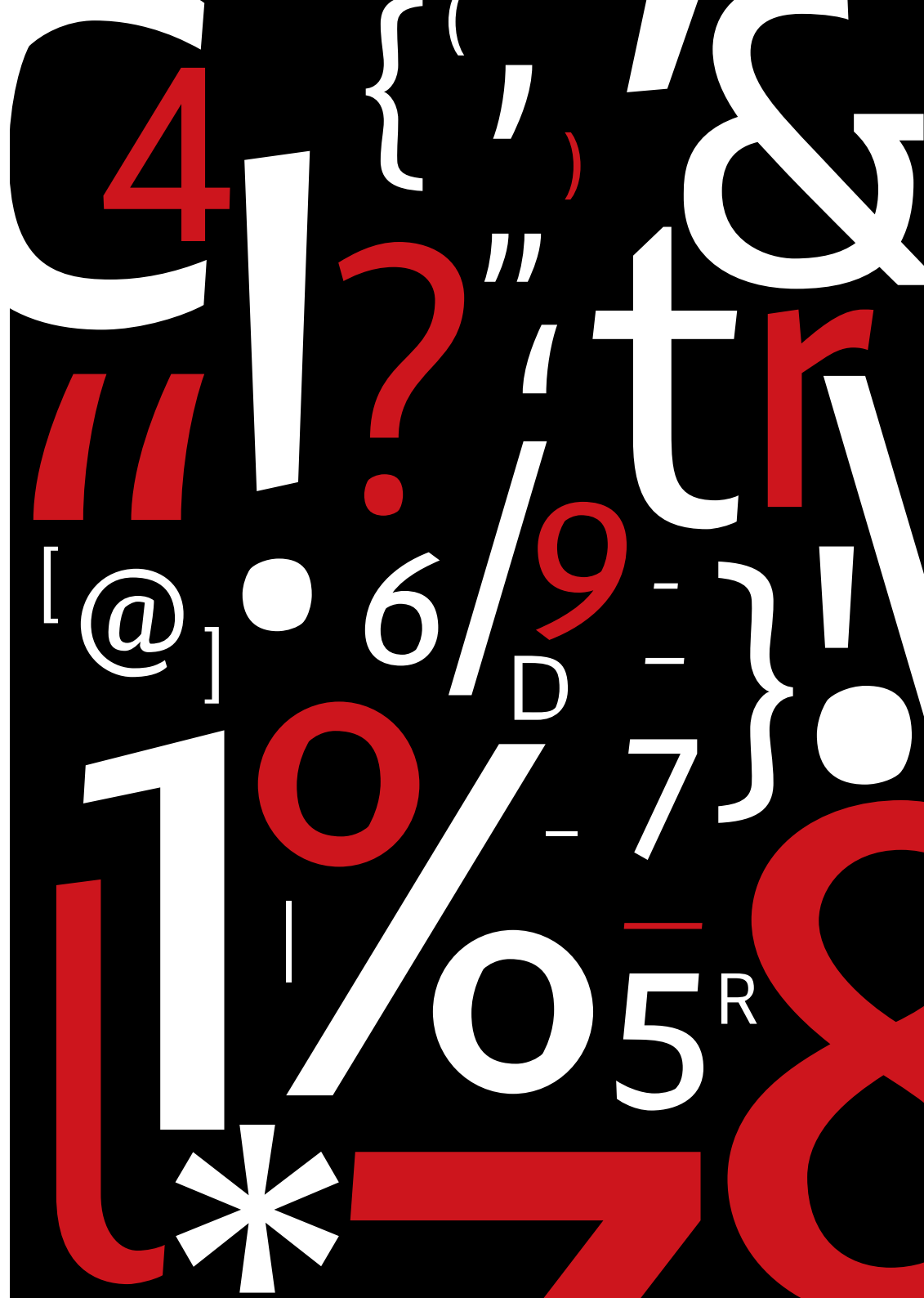
Crime, crime,
amamos cometer esse crime.

Feita para comunicar visualmente ideias de enfrentamento à injustiças em livros contrários a opressões ou em panfletos distribuídos em um protesto.

Para que a fonte transmitisse os conceitos de novo e de agressiva, foi escolhido o estilo sem serifa humanista, por causa da ausência das clássicas serifas e da presença de terminais agudos e incisivos. A legibilidade das fontes é algo que muda com o tempo, as sem serifas já fazem parte do repertório visual do público, e não devemos parar de explorar as possibilidades de se expressar.

Devido à sua aparência caligráfica e suas formas abruptas e dinâmicas, a Inimiga do rei apresenta uma nova interpretação das altamente legíveis fontes serifadas humanistas. Ela não tem medo de ser vigorosa e grave, cheia de movimentos e tensões, ela é agressiva e combativa, mas sem perder a ternura das fontes humanistas.

A Inimiga do rei possui modulação moderada, tendo construção caligráfica de ponta chata interrompida, mas sem parecer antiga. Sua cor é escura e suas contraformas possuem quinas, devido aos seus ombros abruptos. As aberturas são amplas e os terminais são retas inclinadas, principalmente nas ascendentes e decedentes, que possuem uma altura generosa. Ela possui boa legibilidade e é confortável, mesmo tendo uma largura esguia e ritmo acelerado.



Conjunto de caracteres

Caixa Alta

AÀÁÂÃÄABCÇDEÈÉ
ÊËFGHIÎÏJKLMNÑO
ÒÓÔÕÖPQRSTUÙ
ÚÛÜVWXYZ

Caixa Baixa

aàáâãäbcçdeèéêëfh
iìíîïjklmnñoòóôõöp
qrstuùúûüvwxyýÿz

Números

0123456789
0123456789

Sinais

,.:;!/?iç*[](){}|/\-—_—
"'''<>'"+-=%#@&\$

“Em muitos países, empregos na área de design gráfico pagam pouco ou nem sequer estão disponíveis. Muitos designers têm como única alternativa trabalhar com publicidade, e nisso acabam numa posição esquisita, entre seus ideais e a necessidade de sobreviver. Quem se envolve com ativismo no design muitas vezes trabalha em estúdios comerciais durante o dia e cria memes e imagens ativistas à noite. Não se trata de um caso de esquizofrenia, como se o designer se dividisse entre uma personalidade política e outra apolítica, mas sim de uma tática de sobrevivência para manter a saúde física e mental. Não dá para separar o design da política.(...) não se trata apenas do design que criamos, mas também das decisões a respeito do que comemos, do que dizemos, do que consumimos e de como tratamos nossos colegas humanos. É isso, na verdade, que molda a realidade política que habitamos.”

Ruben Pater, Amsterdã, 2019
Políticas do design

de quem me detesta. A tua piscina 'tá cheia de
ratos. Tuas ideias não correspondem aos fatos.
Não, o tempo não para. Eu vejo o futuro repetir o
passado. **O Tempo não Para, Cazuza.** Disparo
contra o sol. Sou forte, sou por acaso. Minha
metralhadora cheia de mágoas. Eu sou um cara.
Cansado de correr. Na direção contrária. Sem
pódio de chegada ou beijo de namorada. **Eu
sou mais um cara.** Mas se você achar. Que
eu 'to derrotado. Saiba que ainda estão rolando
os dados. Porque o tempo, o tempo não para.
Dias sim, dias não. Eu vou sobrevivendo sem um
arranhão. Da caridade de quem me detesta. A
tua piscina 'tá cheia de ratos. **Tuas ideias não
correspondem aos fatos.** O tempo não para.
Eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um
museu de grandes novidades. O tempo não para.
Não para não, não para. Eu não tenho data pra
comemorar. Às vezes os meus dias são de par
em par. Procurando agulha num palheiro. **Nas
noites de frio é melhor nem nascer.** Nas de
calor, se escolhe, é matar ou morrer. E assim nos
tornamos brasileiros. **Te chamam de ladrão,
de bicha, maconheiro.** Transformam um país
inteiro num puteiro. Pois assim se ganha mais
dinheiro. A tua piscina 'tá cheia de ratos. Tuas
ideias não correspondem aos fatos. O tempo não
para. **Eu vejo o futuro repetir o passado.** Eu
vejo um museu de grandes novidades. O tempo
não para. Não para não, não para. Dias sim, dias
não. Eu vou sobrevivendo sem um arranhão. Da
caridade de quem me detesta. A tua piscina 'tá